

O presente trabalho procura estudar a ética utilitarista através de uma perspectiva científica, colocando à prova suas máximas e pressupostos. Logo em seguida, propõe-se uma alternativa que satisfaça as questões suscitadas.

Na formulação de sua ética, o utilitarismo importa-se, sobretudo, com os resultados materiais de nossos atos; acabando por desconsiderar a relevância dos fatores motivacionais (psicológicos) de nossas intenções. Assim, tal teoria entra em conflito com a idéia de justiça; e se torna pragmática e individualista.

O que se percebe, portanto, é uma incapacidade da teoria utilitarista em dar conta das questões práticas do contexto social, acabando por ser legitimadora do que, se olharmos mais a fundo, se configura como a causa dos problemas sociais (KESSELRING, 2007). Aqui, no entanto, que surgem indagações: se a ética utilitarista não dá conta da realidade, qual sistema daria? E mais: o que são, precisamente, os problemas sociais? Uma análise da hermenêutica torna-se necessária.

Para se formular uma nova ética as idéias da hermenêutica devem ser consideradas. No entanto, para que a ética seja de fato ética, faz-se necessário que suas bases sejam invariáveis para todas as sociedades.

A “igual consideração de interesses” (SINGER, 1998) pode fornecer, portanto, um bom apoio – se for retirada do espectro utilitarista. A base da ética é a conclusão de que há igualdade entre os seres humanos. Essa afirmação, contudo, não pode ser satisfatória se não tomar as sociedades como uma construção dos indivíduos (BERGER E LUCKMANN, 1998).